

# PAPO DE GALO

---

Número 5

10/07/2020

Tiragem apoiadores: 0002

## HOSPITAIS DE CAMPANHA

*Suas origens e como estão ligados ao esporte*

◆ TRENTON BRIDGE ◆ OLD TRAFFORD ◆ LUCCA ◆ LHONG RAYA ◆ SUPERDOME ◆  
◆ ARQUATA DEL TRONTO ◆ MARACANÃ ◆ PARAEMBU ◆ FONTE NOVA ◆



# PAPO DE GALO \_ revista

A **Papo de Galo\_ revista** é um projeto de **Gabriel Galo**. Aliás, nesta quinta edição, ele também escreve, diagrama, administra e o que mais precisar. Portanto, neste caso específico, sim: é tudo eu.

Antes de continuar, uma prestação de contas. Na semana passada, a revista não saiu, por motivos técnicos. O computador central que concentra a produção da revista decidiu por abandonar suas funções. Foi uma correria danada. Ainda está sendo, porque embora com chances de ressuscitação, o prognóstico não é nada lá muito animador, e o computador-substituto não é bem uma Brastemp.

Com isso, mudou tudo. A pauta foi derrubada para quando o computador-titular voltar: havia muitas entrevistas agendadas, sendo necessário gravação, edição, uma loucura, o que o reserva não dá conta. Assim, também caíram as 3 colunas com colaboradores, sendo 2 estreantes por aqui, mas que em breve trarão muito mais conteúdo e profundidade ao debate. Peço desculpas, e espero que tudo se normalize. (Seu **apoio** é agora mais importante ainda! Apoie a produção independente de conteúdo!)

Voltando à introdução tradicional:

Eu sou baiano de Salvador, torcedor do Vitória, formado, mas não melhor que ninguém por isso, em Administração pela FEA/USP, pai, empresário e escritor. Isso cronologicamente falando. Escrevo coisas demais, sobre assuntos demais.

Publiquei em outubro de 2018 o livro “**Futebol é uma Matrioska de surpresas: contos e crônicas da Copa 2018**”, contendo textos meus no Correio da Bahia e no Huffpost Brasil, além de alguns inéditos. Tem na [Amazon](#), e minha mãe falou que é bom.

Estou colunista do Correio da Bahia, do programa Futebol S/A e do Arena Rubro-Negra. E estou sempre aí correndo atrás para quitar o boleto de amanhã. (Você reparou no quanto a luz subiu este mês? Um horror.)

Escrevo porque não tenho opção. Porque, por mais que tenha tentado outros caminhos, contar histórias é o que me faz acordar todos os dias com vontade de trabalhar. E vocês não imaginam como dá trabalho...

Ainda há muito mais por vir. Esta revista é só mais um passo rumo a sei lá o quê. O que importa, estou certo, é a jornada, não existe isso de linha de chegada. E faço um convite a você: vamos juntos?

Se o que eu escrevo faz sentido para você, considere **APOIAR**. A campanha no [Apoia.se](#) está no ar.

Ah! Eu sempre quero ouvir suas histórias. Quer conversar, propor pauta, criticar, o que for? Fale comigo!

[facebook.com/souogalo](https://facebook.com/souogalo)

[Instagram.com/souogalo](https://instagram.com/souogalo)

e-mail: [gabriel@papodegalo.com.br](mailto:gabriel@papodegalo.com.br)

Abraço!

**A todos os profissionais  
da saúde que, mesmo  
com a bagunça coletiva  
dos desgovernos,  
mantém-se firma na  
contenção da pandemia.**



Por GABRIEL GALO

O conteúdo desta revista é 100% autoral.  
Proibido reproduzir sem autorização expressa do autor.  
© Papo de Galo. Todos os direitos reservados.

Apoiadores

0002  
APOIA.se

São Paulo, 10 de julho de 2020

REDES  
SOCIAIS



@souogalo  
@canalpapodegalo



@souogalo  
@canalpapodegalo



@gpgalo



[gabriel@papodegalo.com.br](mailto:gabriel@papodegalo.com.br)



# NAVEGUE\_

## \_ EDITORIAL

6, Estão testando minha paixão pelo futebol

## \_ HOSPITAIS DE CAMPANHA

9, O que é um hospital de campanha?

14, Por que praças esportivas?

16, Trent Bridge, Inglaterra (1915-1919)

20 Lucca, Itália (1944-1945)

25, Lhong Raya, Indonésia (2005)

28, Superdome, New Orleans, Estados Unidos (2005)

32, Arquata del Tronto, Itália (2016)

35, Maracanã, Brasil (2020)

## \_ CRÔNICAS DA SEMANA

38, A civilidade está vencendo

41, Por que é preciso vilanizar o PT?

45, As duas lágrimas de Nelson Rodrigues

49, Sobre a camisa do Fluminense

51, Alegria que dura pouco

53, Estamos vencendo mesmo?

55, Quem acredita em Bolsonaro?

Me paga um café por mês?

**APOIA.***se*



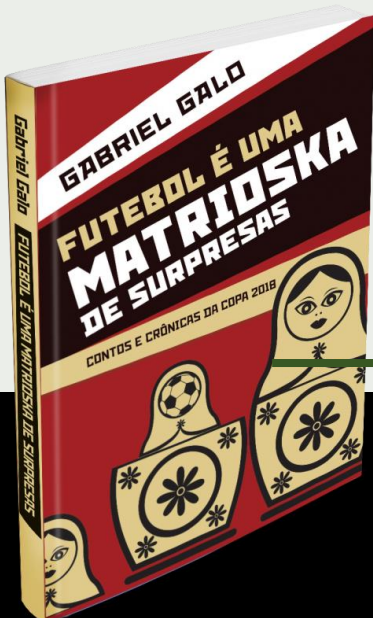
# ESTÃO TESTANDO MINHA PAIXÃO PELO FUTEBOL

**E**u gosto de futebol. Gosto muito, e este gosto vai além do esporte em si. Gosto de **estórias**, de narrativas bem contadas, grandes enredos, de reviravoltas inesperadas. Gosto de **história**, de estudar a construção de origens e o choque de eventos para entender como se chega ao presente. Gosto de **sociologia**, **psicologia**, **filosofia**, da representatividade do **torcer**, de capturar retrato da **alma do torcedor**. Gosto do **balé** plástico de um belo lance, dou risada do **erro**.

Acompanho o que aparece pela frente, mas o gatilho não é o futebol em si. Não sou desses que assiste a um jogo de campeonato qualquer porque está passando na TV. Sou fisgado pela **assimilação**, pelo **reconhecimento** daqueles que estão em campo como protagonistas de narrativas que me cativam.

## O FUTEBOL ME FISGA PELO CORAÇÃO.

No meu trabalho como escritor, o futebol está presente de maneira significativa. Foi uma **crônica sobre futebol** que atraiu a atenção do gigantesco **Paulo Leandro**, jornalista e amigo —pra minha sorte—, que me fez levado ao **Correio da Bahia**. Sobre futebol escrevi no **HuffPost Brasil** durante a **Copa do Mundo Rússia 2018**. Foi esta mesma Copa que rendeu o meu **primeiro livro**.



Estou colunista do **Futebol S/A**, que destrincha o futebol como negócio, mas sem deixar a paixão de lado.

Entrando na segunda semana de julho de 2020, hei de confessar: **estão testando a minha paixão pelo futebol**.

Mas quem?

Aqueles que **eliminam a alma** do esporte em nome de **frios argumentos**; que colocam o dinheiro acima de qualquer valor ético ou moral; que empurram o torcedor mais desfavorecido para longe, porque a capacidade financeira não atende à ambição que se fundamenta no separatismo; que empurram uma volta do esporte mesmo enquanto o país atravessa um emaranhado de **crises**: civilizatória, moral, política, social, jurídica, sanitária, econômica, e mais.

O retorno forçado do futebol em meio à **pandemia** do novo coronavírus é substancialmente inquietante. Não apenas porque é reflexo de **governos irresponsáveis**, que alardeiam a necessidade do fingimento de normalidade, que vitima cidadãos, formados ou não, melhores ou não, mas porque é um ataque direto ao espírito do esporte. Quando se agenda um jogo de futebol num **templo sagrado**, dividindo espaço com um **hospital de campanha**, contando gols e mortos numa mesma



manchete, de portões fechados e valendo-se os mandatários dos campeonatos de tenebrosas transações e tráfico de influência, arrasta-se para a lama um elemento fundamental do entendimento do que é o Brasil.

Se, sim, é fato que passaremos por tudo isso nessa pandemia e isolamento meia-bomba que só adia o problema, a questão é como chegaremos ao outro lado.

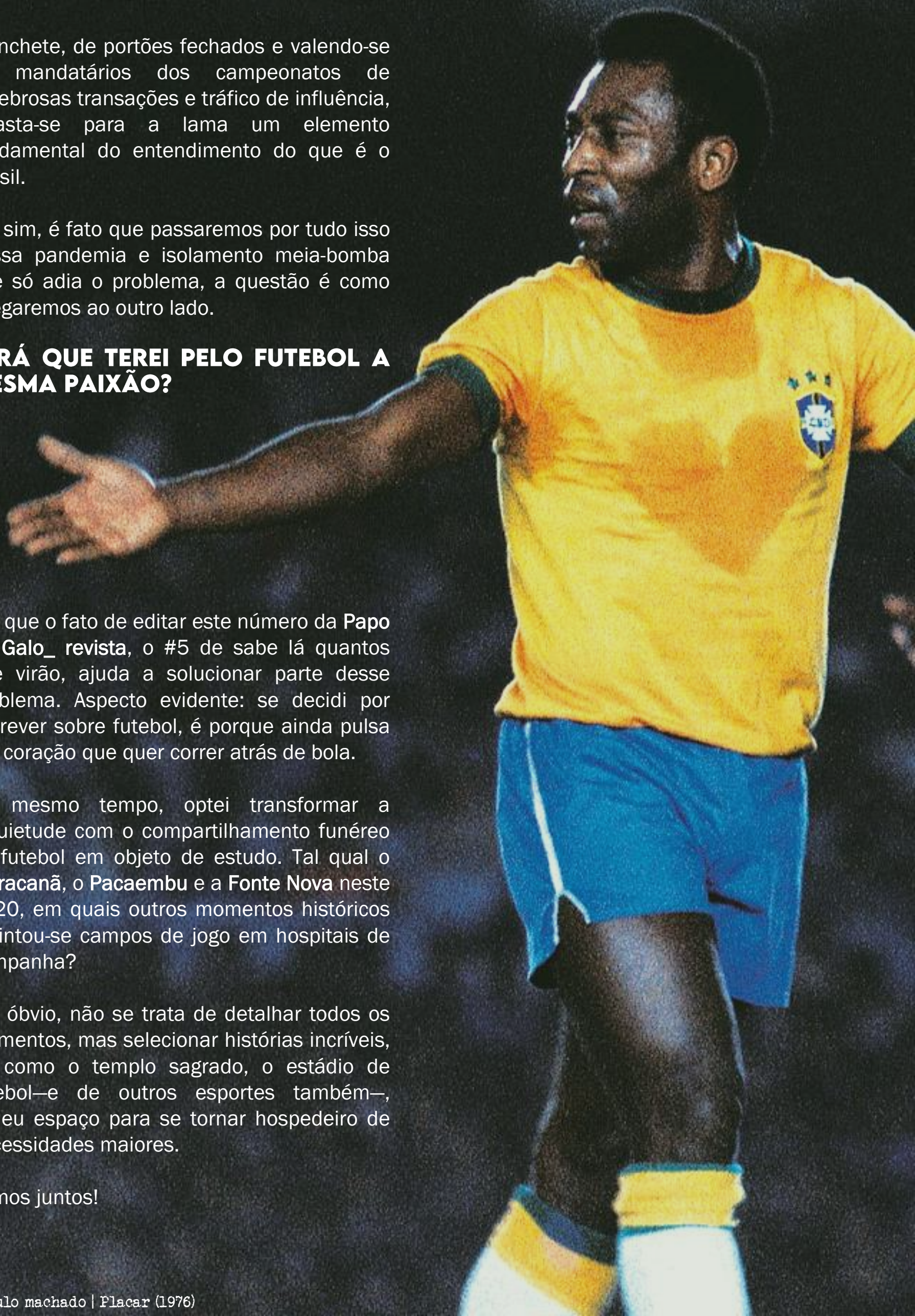
## **SERÁ QUE TEREI PELO FUTEBOL A MESMA PAIXÃO?**

Daí que o fato de editar este número da **Papo de Galo\_ revista**, o #5 de sabe lá quantos que virão, ajuda a solucionar parte desse problema. Aspecto evidente: se decidi por escrever sobre futebol, é porque ainda pulsa um coração que quer correr atrás de bola.

Ao mesmo tempo, optei transformar a inquietude com o compartilhamento funéreo do futebol em objeto de estudo. Tal qual o **Maracanã**, o **Pacaembu** e a **Fonte Nova** neste 2020, em quais outros momentos históricos repintou-se campos de jogo em hospitais de campanha?

Por óbvio, não se trata de detalhar todos os momentos, mas selecionar histórias incríveis, de como o templo sagrado, o estádio de futebol—e de outros esportes também—, cedeu espaço para se tornar hospedeiro de necessidades maiores.

Vamos juntos!





# **\_ HOSPITAIS DE CAMPANHA**

9

# O QUE É UM HOSPITAL DE CAMPANHA



**P**or definição, um hospital de campanha é um destacamento móvel de atendimento médico.

No primeiro capítulo de seu livro “**Field Hospitals: A Comprehensive Guide to Preparation and Operation**” (Hospitais de Campanha: um guia completo de preparação e operação”, em tradução livre), **Eran Dolev** escreve:

“ A ideia do hospital de campanha foi concebida de forma independente em vários exércitos, em diferentes épocas, como uma resposta às necessidades médicas das tropas que servem em áreas remotas. A princípio, seu objetivo era cuidar de soldados doentes. Então, paralelamente a vários desenvolvimentos na medicina, especialmente na cirurgia, sua missão cardinal se voltou para salvar vidas e prevenir amputações em feridos de batalhas. As principais virtudes do hospital de campo sempre foram sua mobilidade e a capacidade de sua equipe de ressuscitar e operar em baixas de batalhas, perto da linha de frente. Por outro lado, seus vícios inerentes são sua vulnerabilidade ao fogo inimigo e sua incapacidade de manter pacientes operados por períodos adequados de tempo. No entanto, o hospital de campanha é a pedra angular da cadeia de responsabilidade médica no campo de batalha. A história do hospital militar de campo é, em grande parte, a história da medicina militar, refletindo a simbiose entre tratamento cirúrgico e evacuação médica.” ”

Originalmente, hospitais de campanha são, portanto, frutos de **corpos militares**. Socorrer os feridos dos campos de batalha era fundamental para era reabilitar os soldados para voltarem ao combate o quanto antes—se isso fosse possível.

Em seus primórdios, conforme a tecnologia e transporte da época, eram acampamentos precários. O comboio médico seguia as linhas armadas, artilharia e infantaria, alguns quilômetros atrás, ocupando espaço montado de acordo com a evolução territorial.



Tropas montam hospital de campanha contra ataques alemães em Anzio, na Itália, em abril de 1944, durante a WWII.

Com o tempo, o modelo de hospitais de campanha se tornou valioso para outras situações. Um fator une todas elas: a **tragédia**.

Seja por eventos meramente naturais, como terremotos, tsunamis, furacões e doenças, ou seja por ações diretas do homem, como guerras, acidentes de grandes proporções ou até mesmo doenças sintetizadas, hospitais de campanha são recurso de rápida implantação e rápido desmonte, feitos para suprir uma demanda pontual.

O fator tragédia é premissa fundamental para entender os horrores de um hospital de campanha. A Dra [Emily Mayhew](#), autora de “[Wounded: the Long Journey Home from the Great War](#)” (Feridos: a longa jornada de volta pra casa depois da Grande Guerra”, em tradução livre), escreveu um [artigo](#) para a **British Library** intitulado “**How would it feel to be a wounded soldier**” (Como alguém se sentiria sendo um soldado ferido, em tradução livre), descrevendo cenários e sensações de um soldado ferido em 1916, durante a Primeira Grande Guerra:

Muitos soldados feridos no campo de batalha perderam a consciência ou ficaram desorientados pela explosão de uma bomba ou pelo impacto de balas e fragmentos de artilharia em seus corpos. Quando finalmente conseguiram se concentrar, a primeira coisa que eles queriam saber era onde estavam e há quanto tempo estavam inconscientes.

Nos minutos ou horas antes da ajuda médica chegar até eles, soldados feridos tentariam descobrir onde estavam seus ferimentos e quão sérios eles poderiam ser. Ao se moverem, sentiriam a dor total de sua lesão - às vezes, uma dor tão avassaladora que perderiam a consciência novamente. Esse movimento dentro e fora da consciência geralmente durava horas.

A ajuda vinha na forma de maqueiros. (Hoje nós os chamamos de paramédicos ou combatemos técnicos médicos.) O trabalho deles era encontrar os soldados feridos - às vezes ouvindo seus gritos - e levá-los em segurança. Os maqueiros tinham que ser fortes, muito habilidosos em primeiros socorros e muito corajosos. Eles entravam no campo de batalha sob fogo pesado, sem armas, e tinham que se concentrar nos feridos, em vez de se manterem seguros. Para muitos soldados, a visão do resgate era carregada de emoções e eles gritavam novamente.

No hospital de campanha, as vítimas receberiam tratamento e cirurgia para seus ferimentos. Em suas vidas civis, a maioria dos cirurgiões não fez tantas amputações em um ano quanto em um único dia em um hospital militar de campanha. Após a amputação, assim como no momento em que foram feridos, os soldados - agora pacientes - despertariam e mais uma vez tentariam descobrir o que estava acontecendo ao seu redor. Para alguns, isso significava olhar-se em uma cama de hospital e perceber que perderam membros, ou talvez que tinham perdido a visão.

Qualquer que fosse a natureza de seus ferimentos, a primeira pessoa que um soldado conheceria nesse momento traumático seria uma das enfermeiras que



trabalhava no hospital de campanha. O trabalho da enfermeira era esperar que o paciente recuperasse a consciência após a cirurgia e depois explicar muito gentilmente o que havia acontecido com ele. Mais uma vez o soldado pode gritar de medo e dor. A medicação para a dor poderia ajudar os sintomas físicos, mas fazia parte do trabalho da enfermeira tentar aliviar o sofrimento psicológico de seu paciente.

As enfermeiras levavam essa responsabilidade a sério. Eles tentavam pensar em maneiras de ajudar seus pacientes a aceitar suas novas vidas. Uma dessas maneiras era ajudar os pacientes a manter suas famílias informadas. Os enfermeiros costumavam escrever cartas aos pais e outros parentes de seus pacientes explicando o que havia acontecido.

As habilidades de **enfermeiras**, maqueiros e cirurgiões perto dos campos de batalha da Primeira Guerra Mundial foram cruciais para salvar a vida de milhões de soldados feridos. Mas não eram apenas as habilidades técnicas médicas que importavam. Era também a capacidade deles de entender como eram os primeiros momentos depois de acordar para uma pessoa cuja vida nunca mais seria a mesma. Não importa quando ou onde, esses momentos são os mesmos para todos os seres humanos feridos. As vozes daqueles que sofreram e dos que trataram o sofrimento são tão importantes agora como eram há um século. Ouvir-los nos ajuda a entender o terror e o desespero daqueles que estão feridos hoje.

Embora os hospitais de campanha tenham evoluído significativamente desde então, a perspectiva do horror com a tragédia não se altera. Em reportagem do **Jornal da Band**, **Claudio Aparecido**, paciente do **hospital de campanha do Pacaembu**, resume o que se passa na cabeça de alguém ao se ver dando entrada numa instalação feita para a emergência:

**“Sentimento de que você vai morrer. Você acha que vai morrer. A única sensação nas primeiras horas é a de que você vai morrer.”**

Imediatamente depois, completa que pode também ser um sinal de esperança:

**“Aqui tem mais estrutura, né? Porque lá no Taipas, onde eu estava, não tem a estrutura que tem aqui.”**



Enfermeiras no 51º Hospital de Campanha do exército americano na WWII.



Enfermeiras voltam para a França depois de 3 anos de serviço durante a WWII. 12 de agosto de 1944.



A partir dos relatos mencionados, pode-se entender que:

- Hospitais de campanha são **recursos necessários** na tragédia. Ou seja, sua existência é sinônimo de problemas graves.
- Ver-se ferido ou doente com efeito direto pela tragédia, gera um primeiro sentimento de **compreensão da extensão** do problema.
- Ser encaminhado para um hospital de campanha gera o entendimento de estar sendo enviado à **morte**.
- A **evolução do tratamento** e a comparação com o local de origem podem mudar a percepção dos pacientes. Casos de sucesso aumentam o moral de todos, mesmo diante da tragédia.
- Ter **alta** de um hospital de campanha é como se o paciente estivesse assinando o **atestado de sobrevivência maior**. Quem passou por um hospital de campanha, viu de perto o auge da tragédia.
- O **aspecto humano** e de **respeito** ao paciente e à tragédia em si é fundamental para a recuperação não somente dos pacientes, mas do local onde ele está inserido.
- **Elementos de distanciamento** dos pacientes com relação à tragédia é fundamental para minimizar seus efeitos, como se estivesse passando a mensagem de que “a vida continua”. Pode acontecer de diversas formas, com música, jogos, animais domésticos e contato com parentes.



Soldados americanos tocam violão em acampamento durante a guerra do Vietnã.



14

# POR QUE ESTÁDIOS SÃO BONS HOSPITAIS DE CAMPANHA?

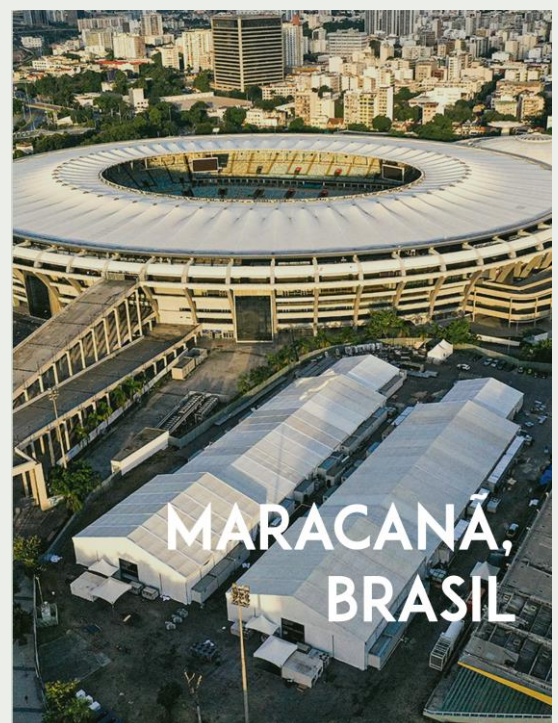
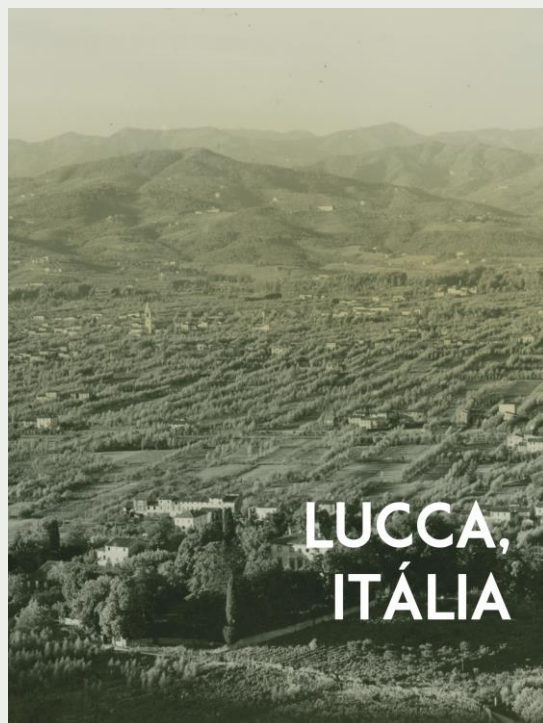
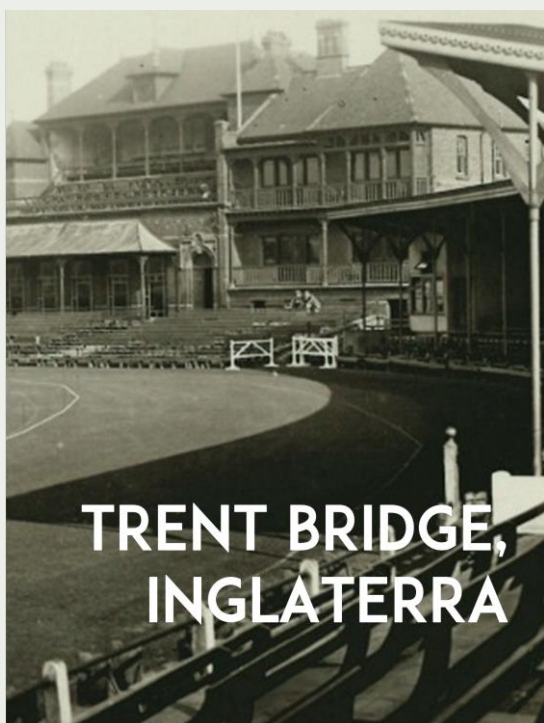


Os primeiros relatos de uso de centros esportivos de grande porte para construção de hospitais de campanha datam da Primeira Grande Guerra. Por motivos óbvios: os estádios ganhavam gradualmente capacidade maior, deixando o status de campos locais para se tornarem praça pública.

Muitas são as vantagens de se usar um estádio como hospital de campanha, porque se veem providas diversos atributos fundamentais à sua operação:

- Instalações contemplam **estrutura** preparada para receber **grandes produções móveis**;
- **Gramado** é grande **área terraplenada** para instalação do barracão móvel, agilizando implantação e reduzindo complexidade;
- **Arquibancadas** são **proteção** e isolamento externo;
- **Portões** de veículos dão acesso a **ambulâncias** e demais transportes;
- **Amplo acesso** ao estádio via **transporte público**;
- **Localização conhecida** por todos, direcionando melhor o fluxo de urgências;
- Estádio possui **rede** disponível de **energia elétrica**, internet, **água** e **esgoto**;
- Usar um estádio é **sinalização** da **gravidade do problema**, ajudando a moldar a opinião pública para respeitar o momento.

Essas são as histórias de 6 destes locais.





16

# TRENT BRIDGE, INGLATERRA



Na primeira metade do século XIX, o cricket era o esporte popular na Inglaterra, levado a todas as colônias britânicas, tornando-se popular em países como Índia e Paquistão. O cricket, inclusive, foi o primeiro esporte de alguns clubes no Brasil, como o Esporte Clube Vitória, nascido Club de Cricket Victoria.

Naturalmente, portanto, os *cricket grounds* foram os primeiros estádios a serem construídos na Inglaterra, muito antes do nascimento do futebol. Um desses campos foi o [Trent Bridge Cricket Ground](#), em Nottinghamshire, inaugurado em 1841.



Trent Bridge Cricket Ground, circa 1890

Dezesseis anos mais tarde, em 1857, Manchester viu nascer o **Old Trafford**. Mas este não é o Teatro dos Sonhos, a casa do **Manchester United** desde 1909, portanto, 52 anos mais novo. O Old Trafford a que me refiro é o [Old Trafford Cricket Ground](#)

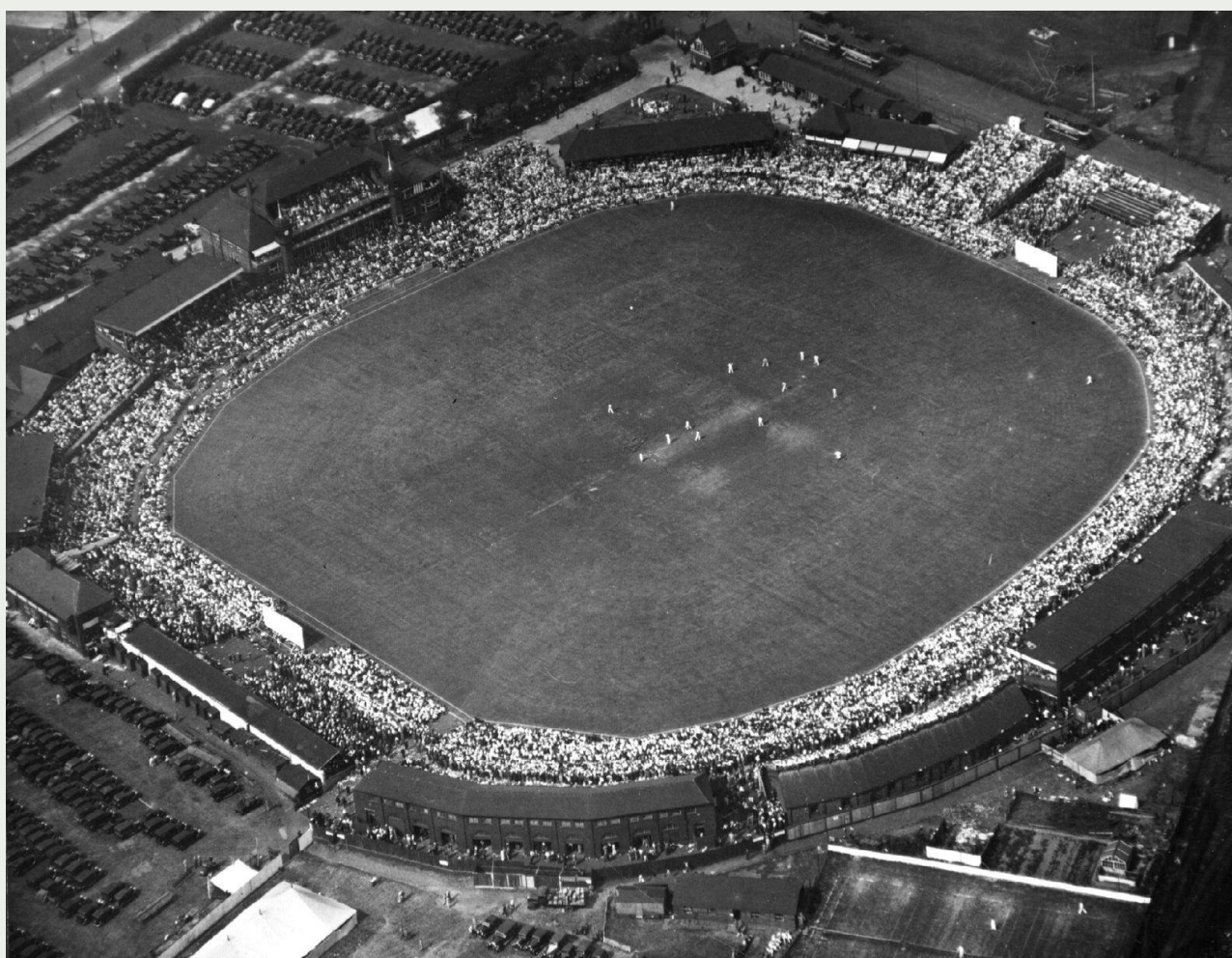


Imagem aérea do Old Trafford Cricket Ground, 8 de julho de 1938.



O caminho dos estádios se cruzou segunda década do século XX. E não teve nada a ver com o jogo de cricket. Foi a [Cruz Vermelha](#), em ação durante a Primeira Guerra Mundial (1914-1918), que uniu os 2 estádios, bem como o Derby's County Cricket Ground. Neles foram instalados hospitais de campanha.



Trent Bridge Cricket Ground, na época da Primeira Guerra Mundial

O hospital de campanha montado no Trent Bridge Cricket Ground recebeu seus primeiros pacientes em janeiro de 2015. No auge do inverno europeu, a maior parte por congelamento de partes do corpo. No início, havia 2 alas no estádio, totalizando 30 leitos. Mais tarde, duas novas alas foram instaladas, mais que dobrando a capacidade de leitos no local.

Embora a guerra tenha terminado em 1918, o hospital de campanha operou no estádio até o verão de 1919, com pacientes ainda em estágio de recuperação. Os jogos de cricket do campeonato regional foram retomados em maio de 1919, enquanto ainda havia pacientes se recuperando no estádio. Hoje os estádio estão abertos e operando normalmente, mas a memória permanece.

# 3.500+

NÚMERO DE PACIENTES TRATADOS NO  
HOSPITAL DE CAMPANHA DO TRENT BRIDGE  
CRICKET GROUND ENTRE 1915 E 1919.





# TRENT BRIDGE CRICKET GROUND

# OLD TRAFFORD CRICKET GROUND





20

LUCCA,  
ITÁLIA



Um dos mais conhecidos fronts de batalha da Segunda Guerra Mundial, pelo menos para os brasileiros, foi o que entrou para a história como Campanha da Itália. A relação do Brasil com a campanha remete aos pracinhas, enviados para lutar na guerra em território italiano. A estratégia dos aliados era invadir o Reino da Itália ao sul, pela Sicília, e ir escalando o território ao norte.

Tropas formadas por Estados Unidos, Inglaterra e Canadá chegaram à Sicília em 10 de julho de 1943. Em 3 de setembro de 1943, os aliados chegaram à Itália continental. No mesmo dia foi assinado secretamente o Armistício de Cassibile, tornado público em 8 de setembro de 1943. No acordo, a Itália se rendia incondicionalmente aos aliados.

Mas Hitler sabia da importância de proteger o território italiano, evitando que forças inimigas chegassem pelo sul e conseguissem acessar os **Balcãs**, fonte de recursos primordiais como petróleo, bauxita e cobre. E o fez mesmo sem a participação italiana, delegando o comando ao marechal de campo Albert Kesselring.

Ao sul de Roma, uma linha natural de defesa auxiliava os alemães: as montanhas dos Apeninos. Mas havia uma linha de proteção que ficou conhecida mundialmente como **Linha Gustav**. Esta, juntamente com as Linhas Bernhardt e Hitler, formavam a Linha de Inverno. As linhas alemãs eram zonas de proteção altamente militarizadas, difíceis de serem ultrapassadas.

Somente em maio de 1944 as linhas de defesa alemãs foram vencidas, sendo as tropas reforçadas por franceses e poloneses. No dia 4 de junho de 1944, as forças aliadas ocuparam **Roma**. Mas ainda era necessário avançar ao norte, rumo à **Toscana**, onde fica **Lucca**, e à Europa Central.

Os Apeninos permaneciam como obstáculo de avanço para os aliados, devido à geografia montanhosa desconhecida para eles. Em setembro de 1944, os aliados chegaram a **Lucca**.

Há muitos registros fotográficos da presença aliada na cidade.



Foto aérea de Lucca, 1944.



# LUCCA 1944



Imagem do Vale de Lucca, Itália. Ao fundo, os Apeninos formam o que ficou conhecida como a Linha Gótica de defesa. Foto do Quinto Exército dos EUA. 22 de setembro de 1944.

Soldados aliados durante batalha em Lucca. No canto inferior direito da imagem vê-se a data do registro, 28 de setembro de 1944.





Quem detalha a implantação de hospitais de campanha em Lucca é a historiadora [Barbara Tomblin](#). Em seu livro “G.I. Nightingales: The Army Nurse Corps in World War II”, ela escreve na página 115:

Enquanto diversos hospitais do exército foram servir no sul da França, outros, como o 94° Evac, continuaram a cuidar dos feridos nos últimos e menos conhecidos lugares na Campanha da Itália. Depois de Florença ter sido tomada pelas forças aliadas, o 94° seguiu para Pratalino, a cerca de 13 quilômetros ao norte da cidade, para se instalar nos prédios de um sanatório italiano; “severamente depredado por artilharias e pequenas armas de fogo, metade das janelas estava quebrada e o prédio estava cheio de entulho”. Durante o mês seguinte, o 94° cuidou de 3.995 pacientes, 71% deles precisaram de cirurgia. De acordo com o relatório anual do hospital, “este período de 32 dias foi o mais atarefado do hospital, excedendo até mesmo a estada em Anzio<sup>1</sup>.

Alguns hospitais de evacuação<sup>2</sup> durante essa fase encontraram sede incomuns. Por exemplo, o 170° Evac se instalou num estádio de futebol em Lucca, Itália, em 24 de novembro de 1944. Eles estavam ansiosos em deixar o local anterior próximo a Viareggio, que estava dentro da alça de mira de armas alemães, e “em uma ocasião, uma bomba atingiu a área do hospital, matando um paciente instantaneamente e ferindo 2 funcionários do hospital.” Em Lucca, o 170° se instalou em barracas no campo de futebol, onde permaneceram por cinco meses, cuidando de uma variedade de pacientes, desde feridos em batalha, até malária, hepatite, doenças venéreas e casos de *pé de trincheira*<sup>3</sup>, num total de 4.931 pacientes.

O estádio em questão é o [Porta Elisa](#). Construído em 1935, é casa da [Lucchese 1905](#), time que perambula na [Serie D](#), espécie de primeira divisão da liga amadora italiana. O acanhado estádio comporta apenas 7.386 espectadores.

Depois da Segunda Guerra Mundial, o estádio voltou a ser destinado apenas ao futebol. E o time da casa viveu breve glória. Fez sua última participação na Serie A na temporada 1951-1952, quando terminou o campeonato vencido pela Juventus empatada com a Triestina em 17° colocação entre 20 participantes. Como o 17° colocado disputaria a permanência na Serie contra o vice-campeão da segunda divisão, Lucchese e Triestina se enfrentaram pro para [desempate](#). O primeiro jogo, disputado em Bergamo, terminou empatado em 3 a 3, mas foi anulado. Uma segunda partida foi agendada, que terminou com vitória da Triestina por 1 a 0. No fim, a Triestina bateu também o Brescia por 1 a 0, e ficou na Serie A para a temporada seguinte, que seria composta por 18 times.

1. Anzio ficava ao sul de Roma, à beira da Linha de Inverno, a mais bem protegida linha de defesa do Eixo em território italiano.  
2. Hospitais de campanha tinham 2 tipos. O de evacuação era normalmente maior e ficava mais afastado do campo de batalha.

3. Pé de trincheira é uma doença causada por longa exposição do pé à lama, sujeira e frio.



# PORTA ELISA



Imagem aérea do Estádio porta Elisa. Imagem: Google Earth

Entrada do Estádio Porta Elisa. 2013.





25

# LHONG RAYA, INDONÉSIA



À meia-noite e cinquenta e três minutos do dia 26 de dezembro de 2004, o mundo conheceu um dos maiores desastres naturais de todos os tempos. As imagens, chocantes, paralisaram o planeta. Um **tsunami** no Oceano Índico provocou destruição e a morte de mais de 230 mil pessoas em 14 países. A Indonésia foi o mais atingido.

# TSUNAMI



Vila na costa de Sumatra em ruínas depois do tsunami. (2 de janeiro de 2015)  
Foto: US Navy.

Imediatamente, auxílio do mundo inteiro começou a chegar à região. E, mais uma vez, a **Cruz Vermelha** teve papel fundamental.

Um grupo de 32 médicos, enfermeiros e engenheiros ocupou o **Lhong Raya Stadium**, também conhecido como **Harapan Bangsa Stadium**, inaugurado em 1 de janeiro de 1997, e instalou moderna estrutura, com 100 leitos em dezenas de barracas, sala de raio-x, duas salas de cirurgia, uma área de esterilização e uma UTI, além de alas especializadas em doenças ósseas, um banco de sangue e um laboratório.



Barraca da Cruz Vermelha no Lhong Raya Stadium

# CRUZ VERMELHA



O [hospital funcionou](#) de 15 de janeiro de 2015 a 31 de maio do mesmo ano. Se no começo a operação era dedicada integralmente às vítimas do tsunami, passou a operar depois como hospital geral. Além dos 32 profissionais da Cruz Vermelha, cerca de 150 outros profissionais foram alocados no espaço pelas autoridades locais e filiais da ONG suíça de outras partes do mundo. Ao término de suas atividades, atendeu a cerca de 10 mil pacientes. Além disso, aproximadamente 90 bebês nasceram em suas dependências.

O estádio foi reformado em 2006 e expandido em 2008. Com capacidade para 45 mil torcedores, sediou a [Copa Tsunami de Solidariedade Mundial de Aceh](#) em 2017, vencida pelo time sub-23 do [Quirguistão](#). A Indonésia foi vice-campeã.



G  
L  
H  
N  
A  
Y  
R



BANDA ACEH. INDONÉSIA

STADIUM





28

# SUPERDOME, EUA



## UM EXEMPLO DO QUE NÃO FAZER DIANTE DA TRAGÉDIA.

New Orleans, cidade histórica dos Estados Unidos, ponto central do Blues e do Jazz, está no meio da rota dos furacões. A temporada de potenciais problemas dura longos 6 meses, de junho a novembro, com ápice nos meses de agosto e setembro.

Como quase toda cidade de grande porte no caminho dos furacões, a cidade possui extensos planos de evacuação, dependendo da extensão do problema. Mas nada foi suficiente quando no dia 29 de agosto de 2005, quando o furacão Katrina atingiu a cidade, com ventos que chegaram a 280 km/h. Rapidamente, a cidade foi inundada.

O governo, no entanto, demonstrou total inaptidão para lidar com a situação. Primeiro pelas experiências anteriores. Os furacões George (1998) e Ivan (2004) foram mais alardeados que problemáticos. Assim, quando o Katrina ameaçava a costa do estado da Louisiana, havia muita dúvida sobre a gravidade do problema, apesar dos avisos insistentes de evacuação.

Foi apenas no dia 28 de agosto, véspera da chegada definitiva do furacão que parte da população se deu conta do que estava prestes a acontecer. De maneira desorganizada, cerca de 9 mil moradores da cidade seguiram para o Superdome, moderno e recém-reformado estádio do New Orleans Saints, time de futebol americano da NFL, como “refúgio de último caso”. O estádio, inclusive, tinha sido abrigo nos furacões de 1998 e de 2004.

Mas nada se equivalia ao Katrina.

Até se dissipar em 31 de agosto, os danos a New Orleans foram severos. E a tragédia do lado de fora se repetia dentro do Superdome.

# FURACÃO KATRINA



New Orleans inundada depois do Katrina





Numa fascinante reportagem de 24 de agosto de 2015 para o caderno “For The Win” do jornal americano **USA Today**, Nate Scott narra o desespero das pessoas e as tentativas de gestores da Guarda Nacional para solucionar a situação por 5 dias, de 27 a 31 de agosto.

As passagens são aterrorizantes. O Superdome perdia a luta contra o Katrina, embora fosse o único local possível de refúgio. O teto, que alegadamente suportaria ventos de até 320 km/h, perdeu placas de isolamento, tornando-se uma imensa goteira. As condições gerais eram sub-humanas. Não havia comida nem medicamentos suficientes. Banheiros e pias pararam de funcionar. A energia elétrica caiu por um dia, fazendo com que o interior do estádio se tornasse uma sauna úmida, apodrecendo a já insuficiente comida armazenada, contribuindo para um cheiro pútrido insuportável. Promessas de abastecimento eram ignoradas.

O caos era completo.

A pequena cadeia feita para jogos estava lotada. Havia casos de **roubos, assédios e estupros**. Três pessoas morreram naqueles dias no Superdome.

As imagens falam por si.

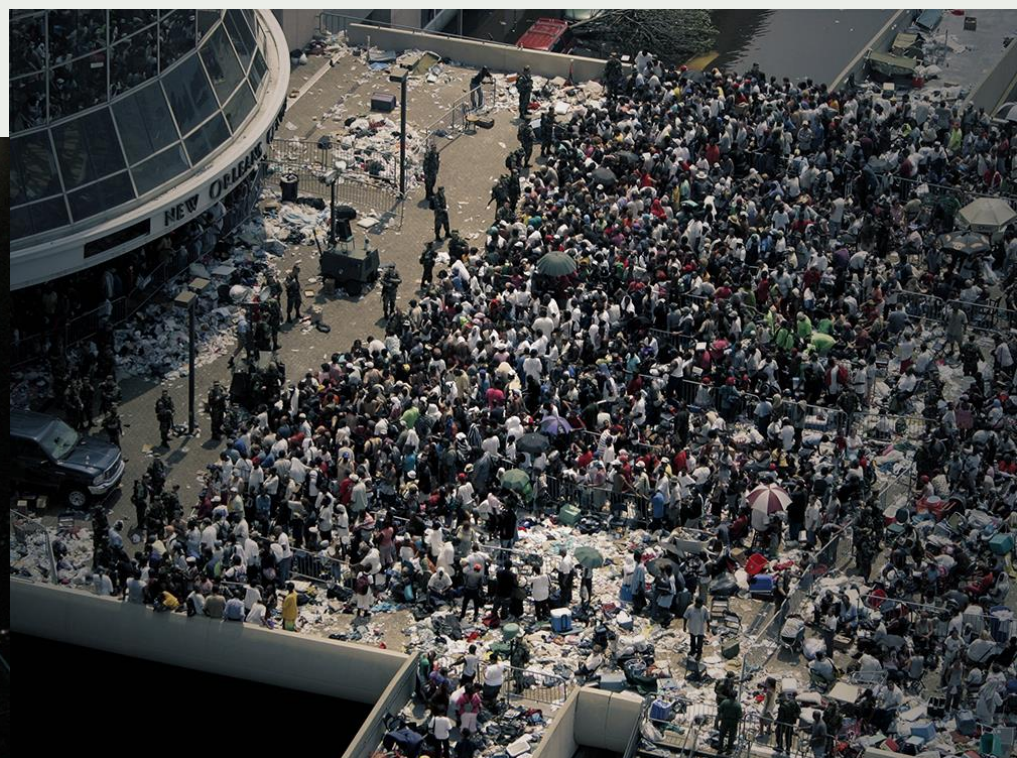
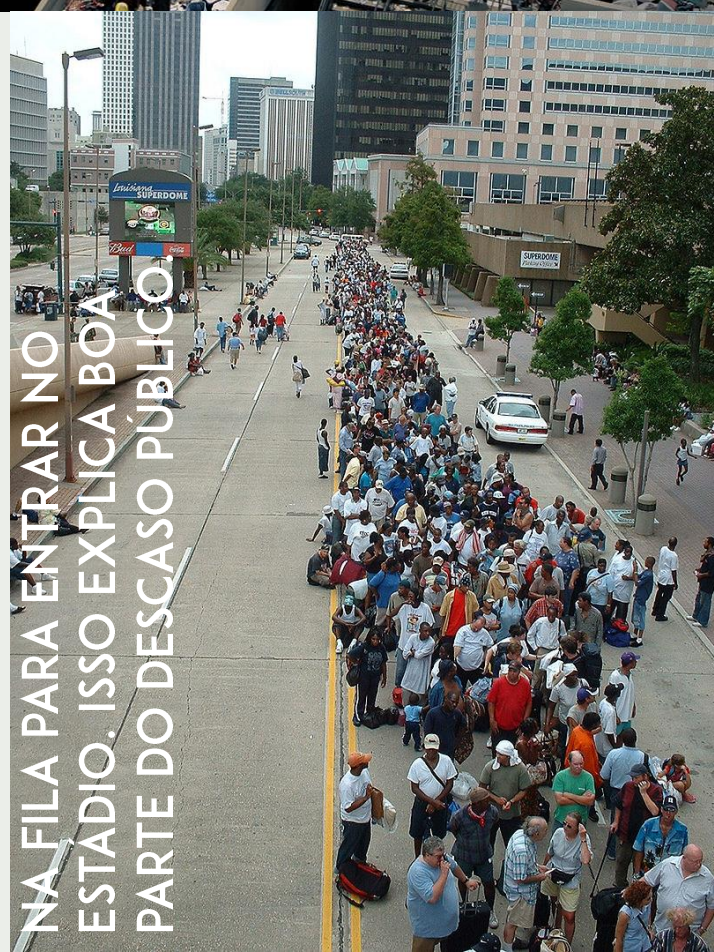


Foto 1: AP  
Foto 2: AP  
Foto 3: Marty Bahamonde / FEMA



# SUPERDOME

REPERE NA COR DAS PESSOAS  
NA FILA PARA ENTRAR NO  
ESTÁDIO. ISSO EXPLICA BOA  
PARTE DO DESCASO PÚBLICO



Depois da evacuação, na virada ao mês de setembro, o Superdome passou por extensa reforma. O prejuízo de quase 200 milhões de dólares se juntou ao montante de 125 bilhões de dólares em prejuízos totais.

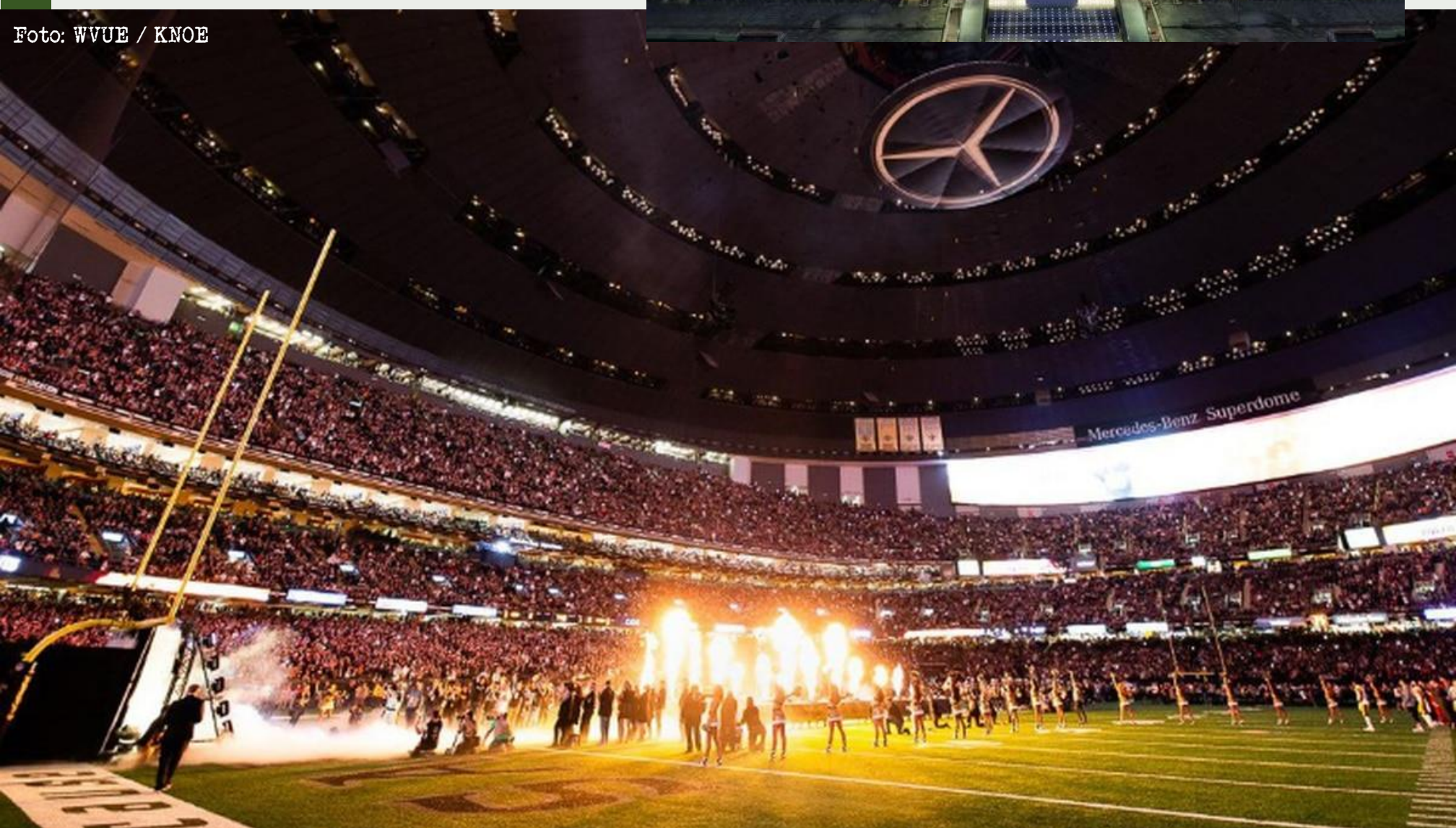
New Orleans demorou para se recuperar do trauma. Reportes de transtorno do estresse pós-traumático tornaram-se comuns. Investigações apontaram preconceito no trato direto do problema: as áreas mais afetadas pela inundação concentram os bairros mais pobres da cidade. Apenas no dia 25 de setembro de 2006, mais de um ano depois do Katrina, o Superdome voltou a hospedar um jogo de futebol americano, quando o **New Orleans Saints** venceu o **Atlanta Falcons** por 23 a 3 no terceiro jogo da temporada. No dia 7 de fevereiro de 2010, o time foi pela primeira vez campeão da NFL ao vencer o **Super Bowl XLIV**.

As feridas do Katrina permanecem expostas até hoje na cidade.




# MERCEDES-BENZ SUPERDOME

Foto: WVUE / KNOE





32

A photograph of a severely damaged stone building in Arquata del Tronto, Italy. The building's facade is crumbling, revealing internal white walls and wooden shelving. Debris is scattered around the base, and a blue tarp is draped over a section on the right. A lush green forested hill rises in the background under a clear sky.

# ARQUATA DEL TRONTO, ITÁLIA



Um primeiro de magnitude 6,0 na noite de 24 de agosto.  
Um segundo em 26 de outubro do mesmo ano.  
Um terceiro apenas 4 dias depois.

Três terremotos atingiram a região central da Itália em 2016, tendo como epicentro o vale do Tronto. A localidade ficou destruída por causa do episódio que vitimou 3 pessoas.



Arquata del Tronto destruída pelos terremotos, novembro de 2016





Um hospital de campanha foi montado no campo de futebol da cidade, a casa do Arquata del Tronto FC. Ele agora é casa de centenas de bombeiros, enfermeiros e policiais, que além de hospital, se tornou também farmácia e até barraca que distribui comida de cachorro de graça. Desabrigados podem buscar também roupas, cobertores e sapatos.



Campo de futebol do Arquata del Tronto FC virou hospital de campanha.  
Foto: Andy Lines / Daily Mirror

**Andy Lines**, repórter-chefe do britânico **Mirror**, esteve na cidade no dia 26 de agosto, depois do primeiro terremoto e narra com fotos o estrago provocado pela tragédia. Seguramente, o estádio de futebol transformado em hospital contribuiu para salvar vidas e aliviar os efeitos do terremoto.





35

# MARACANÃ, BRASIL



No que chegamos ao Brasil e a pandemia do novo coronavírus neste 2020.

Seria impossível colocar em poucas linhas a história do **Pacaembu**, **Fonte Nova** e **Maracanã**, estádios que já foram de Copa do Mundo, mas hoje oferecem parte de suas instalações para hospitais de campanha.

O Pacaembu, em São Paulo, encerrou atividades no dia 29 de junho. Maracanã e Fonte Nova, no entanto, permanecem operando. E o caso do Maracanã, especificamente, causou desconforto generalizado com a volta do Campeonato Carioca 2020.

Na noite em que o Flamengo bateu o Bangu por 3 a 0, dois pacientes do hospital de campanha do estádio morreram. É certo: não houve vencedor naquela noite de junho. E o futebol morreu um pouco.

A história do uso de praças esportivas como hospitais de campanha apontam para uma tragédia terrível que origina a necessidade e para uma retomada apenas depois de respeitada a devida resguarda.

Os traumas de uma tragédia são severos. É preciso dar tempo para que o local lamber suas feridas, aceite sua nova condição e, enfim, retome as atividades com a maturidade emocional recomendada para que a tragédia não ganhe força novamente tempos depois por conta de um processo de cura acelerado irresponsavelmente.

Em Salvador, a Fonte Nova foi excluída da lista de estádios-sede para a fase final da Copa do Nordeste. Decisão acertada. Por mais que a volta do futebol não seja a ideal dado o momento, é preciso entender que, a continuar como está, estaremos presos a uma quarentena interminável. Voltar, com as devidas precauções, faz algum sentido, se o ponto de partida é o infinito e insuportável isolamento.

Mas tem o famigerado campeonato carioca, aquele que um dia já foi chamado de “Caixão”, em *homenagem* ao ex-presidente da federação carioca de futebol, Eduardo Viana, conhecido como Caixa D’Água. Em 2020, por fim, o apelido cai como uma luva. Este é, sem dúvida, o “Caixão 2020”.

O inconformismo só cresce quando analisadas as possibilidades de arenas. Com o Engenhão à disposição, o Estádio Luso-Brasileiro na Ilha do Governador, reformado recentemente pelo próprio Flamengo e São Januário, pra ficar somente na capital carioca, qual o sentido de realizar jogos sem torcida no Maracanã?

A mensagem desta escolha é a pior possível. Desrespeita-se não apenas as vítimas da pandemia que sentenciou mais de 70 mil brasileiros à morte, mas faz-se troça dos profissionais que trabalham no anexo do Maracanã e dos pacientes que eles tratam.

Em nome de quê, exatamente? Quais as justificativas se há opções mais humanas para serem escolhidas?

Impossível não atribuir esta volta à pura alienação, que se junta às alianças políticas com pulsão de morte, dinheiro acima de tudo e uma enorme quantidade de simples maldade.



# **\_ CRÔNICAS DA SEMANA**

**6 A 12/JULHO**



38

A CIVILIDADE  
ESTÁ  
VENCENDO





**AO MODO BRASILEIRO, NO JEITINHO E AOS TROPEÇÕES, A CIVILIDADE, POR INCRÍVEL QUE PAREÇA, AVANÇA. O AGORA É RUIM, MAS PODERIA SER PIOR.**

**MESMO COM TANTOS SINAIS EM CONTRÁRIO, CIVILIDADE E NOÇÃO PROSPERAM SOBRE A IRRACIONALIDADE.**

**J**ogos no Maracanã ainda com o [hospital de campanha](#) em funcionamento. Bares no Leblon apinhados de gente. Orlas lotadas pela vontade incontrolável de fazer uma caminhada. Em alguns lugares, comércios abertos a pleno vapor. A negação tosca de governantes e de uma gente sem máscara na rua que operam com [pulsão de morte](#).

Enquanto se aproxima a marca inacreditável dos 120 dias em isolamento, aqueles confinados olham para a barbárie explícita do mundo externo e correm a se impor o jargão de “trouxa”. Só que há de se enxergar o momento de outra maneira. Sim, a civilidade está vencendo. Por incrível que pareça. Mesmo com o número absurdo e subnotificado de mais de 60 mil mortes no Brasil. Mesmo com os donos das canetas agindo como agem.

A questão é deixar de observar o cenário como extremos e perceber as nuances que fazem o trânsito no meio. Ao olhá-las com olhar mais solidário, vê-se que, ao modo brasileiro, no jeitinho e aos tropeções, a noção avança.

Em maio, Porto Alegre abriu treinos de equipes de futebol e estimulou o comércio a retomar atividades. A retomada foi alvo de vitais contra-ataques, baseados em ciência, em números, em dados. Não demorou e a irresponsabilidade se traduziu em estatística: a curva de contágios se elevou. E a decisão foi revertida, desestimulando, inclusive, a reabertura em outras cidades. Adicionalmente, estamos em julho e apenas o Campeonato Carioca retornou.



Jogadores de Flamengo e Bangu se perfilam prum minuto de silêncio no Maracanã, na retomada do Campeonato Carioca.  
Foto: Ricardo Moraes | Reuters (18/06/2020)



Há muito mais. O auxílio emergencial, dependesse exclusivamente do governo, seria de parcos 200 reais em duas parcelas. A maioria dos estados, apesar de ter tentado reabertura em algum momento, retrocedeu quando não pôde mais esconder a piora no quadro. O SUS age com resistência heroica. Quem rompe o isolamento, o faz expondo e espalhando sua ignorância.

Seguramente, há de se lutar pelo outro lado, pela consciência de todos. Assim fosse, certamente estaríamos pisando fora da pandemia, voltando a operar à toda. No entanto, esta hipótese mora na imaginação. Sejam os francos, não se pode esperar prudência do poder público quando boa parte da população opera em dois estágios de compreensão: o fingir que nada está acontecendo e o não saber o que fazer quando é tarde demais. Vai-se além quando se observa os porquês da politicagem: ir contra essa corrente significa abdicar de importantes votos em ano eleitoral.

Enquanto isso, no campo do possível, é fundamental compreender que quando se negocia com a irracionalidade, caminhar ao meio é uma vitória da racionalidade. Porque é sinal de que os barulhentos negacionistas cederam um naco da irracionalidade em nome da razão e, ao fazê-lo, assinam atestado de estupidez de sua posição primeira.

Portanto, embora com tantos óbvios percalços, de um jeito ou de outro, andamos para frente. Não é trouxa quem em casa ficou. O agora é ruim, mas poderia ser pior. Imagine o que seria do Brasil hoje se não houvesse a vigilância de quem coloca a prudência e o bem coletivo como valores inegociáveis?

Me paga um café por mês?

**APOIA.***se*



41



POR QUE É  
PRECISO  
VILANIZAR O  
PT?





# A ENTREVISTA DE HADDAD NO RODA VIVA EXPÕE O PENSAMENTO DE TODA UMA DIREITA DITA MODERADA QUE BUSCA ABSOLUÇÃO PELO VOTO EM BOLSONARO.

No dia 6 de julho de 2020, **Fernando Haddad**, ex-prefeito da cidade de São Paulo e candidato do PT à presidência da República em 2018, foi o entrevistado do **Roda Viva**, da **TV Cultura**. A entrevista, importante no cenário atual de flerte antidemocrático, serviu para expor a necessidade de se vilanizar o PT a qualquer custo, algo visível na postura da mediadora, a jornalista **Vera Magalhães**.

No dia 08 de outubro de 2018, um dia depois do primeiro turno da eleição presidencial que levou **Jair Bolsonaro** e Fernando Haddad ao segundo turno, o **Estadão** soltou editorial que se tornou um exemplo perfeito do absurdo de entendimento a que o antipetismo levava. Apesar de todas as indicações não democráticas do então candidato da extrema-direita, era necessário colocar Haddad no polo oposto. Se a comparação é desproporcional e inconcebível hoje, na época, bem, na época também era, mas muita gente achou que era possível domar Bolsonaro.

Não precisou de muito tempo de governo estabelecido para que muita gente caísse em si do erro catastrófico que foi eleger um autoritário do baixo clero à presidência. No que a pandemia apenas expôs, sem chances de contestação, a incompetência atroz, a limitação cognitiva e um desejo de morte que sempre fez parte da caminhada de Bolsonaro.

Mas o ressentimento dos bolsonaristas arrependidos não faz com que se enxergue o PT como adversário político que atua no campo democrático. Esquece-se, por exemplo, da autonomia da PF, do MPF e da PGR nos governos petistas, algo que ruiu no governo atual. Fingem não existirem os erros crassos do julgamento de Lula e os exageros da Lava Jato. O que também, fique-se claro, não significa que o PT não tenha culpa no cartório.

Ao fato:

**SE QUEM DÁ AUTONOMIA AOS ÓRGÃOS FISCALIZADORES DO BEM-FAZER PÚBLICO NÃO NECESSARIAMENTE ATUA DENTRO DA LEGALIDADE, QUEM ATUA ATIVAMENTE PARA MINAR A INDEPENDÊNCIA DESTES ÓRGÃOS SEGURAMENTE TEM MUITA CULPA A SER ENCOBERTA.**





# HADDAD E OS QUESTIONAMENTOS ESPERADOS

Como convidado do Roda Viva, Haddad sabia que enfrentaria alguns questionamentos que vão no cerne do entendimento coletivo que se tem do partido. Como candidato a presidente segundo colocado em 2018, era mais do que esperado que respondesse a perguntas elementares, como Lula, Bolsonaro, eventuais erros do partido, colocar-se como apoiador de candidatos de outros partidos, renovação de quadros, além de uma ansiada ‘autocrítica’.

Sobre **Lula**, Haddad trouxe um elemento importante de retomada da relevância narrativa da história do partido. Se há uma certeza de injustiça no julgamento político-criminal de Lula, não é possível abandonar o maior expoente do partido à sorte. Esta visão tem validade fácil de compreender, mesmo que isso eventualmente prejudique o partido em eleições. A resposta de Haddad flerta com um **romantismo** que o PT deixou de lado para tornar-se governo, com pés fincados no **pragmatismo**.

Sobre **renovação**, o que se via com força há 10 anos na **transição Lula-Dilma** fez com que surgisse no partido a necessidade de mudança. É factualmente incompleto dizer que o PT não tem renovado seus quadros, quando justamente o entrevistado é a materialização da renovação. Nomes como **Camilo Santana** (governador do Ceará) e **Rui Costa** (governador da Bahia) lideram um partido algo mais jovem. Uma indicação como a de **Major Denice** à prefeitura de Salvador, por exemplo, demonstra uma postura ativa nesse sentido.

À pergunta de Flávio Costa sobre o que faria diferente na economia, Haddad se esquivou. Tergiversou e não entrou num tema que gera divergências graves nas bases da esquerda, como em até que ponto o partido pode abraçar o liberalismo.

Sobre apoiar outros partidos, Haddad lembrou do apoio explícito às candidaturas de **Manuela D’Ávila** (PC do B/RS) em Porto Alegre e de **Marcelo Freixo** (PSol/RJ) no Rio de Janeiro—Freixo desistiu de sua candidatura. Há, também, de se entender o manejo político de um partido que é o maior condutor de votos na esquerda, e que, por isso, faz valer sua relevância superior para se alçar às cabeças-de-chapa.

Tudo, pois, seguindo a normalidade. Perguntas melhores, outras piores, entrevistado tergiversando em temas mais sensíveis e buscando aprofundar aqueles mais favoráveis. Até o instante em que Vera Magalhães inventou de colocar a **Venezuela** no meio.





# VERA E A BUSCA PELA ABSOLUÇÃO

**E**ntrevistar é muito mais difícil do que aparenta. Porque não é roda de conversa, painel, ou o que valha. E tem que se entender que a condução deve levar à extração de informação do entrevistado, não de corroborar pensamentos do entrevistador. Mas **Vera Magalhães** conduziu as perguntas não no sentido de estimular o pensamento, mas para validar pré definições que permeiam o antipetismo.

Suas intervenções e questionamentos mais afirmavam que perguntavam. Parecia haver um anseio de forçar uma admissão de culpa, para que, num transe, se pudesse admitir que, sim, 2018 era uma escolha muito difícil (não era, nunca foi), que ela estava correta. O programa, portanto, muitas vezes não era uma entrevista, mas quase um debate, em que a moderadora sonhava em ver-se senhora da razão. Mesmo que para isso tivesse que apelar a subterfúgios patéticos, como mencionar a Venezuela, espécie de “carta de nióbio da desargumentação”.

Há uma mensagem latente contida nessa postura.

**A DIREITA DITA MODERADA, QUE EMBARCOU FELIZ NO PROJETO DE MORTE DE BOLSONARO, MAS HOJE SE ARREPENDE-PERO NO MUCHO-, PRECISA DE ARGUMENTOS PARA QUE NÃO SE SINTAM ASSIM TÃO ENGANADOS.**

Precisam criar uma narrativa torta que valide a famigerada escolha difícil para que não se sintam completos idiotas por terem comprado Bolsonaro em 2018.

Não querem, pois, entrevista. Vera, no instante em que se vê diante do PT, representa o desejo de toda uma direita dita moderada: quer salvo conduto, absolução.

Só que para isso ocorrer, o PT precisa ser sempre o **vilão**, mesmo que se faça necessário **distorcer fatos** e abusar de **imposturas intelectuais**. Talvez, pois, sejam estes que tanto pedem autocrítica os que devem fazer uma visita ao divã.





45

AS DUAS  
LÁGRIMAS DE  
NELSON  
RODRIGUES





## A MANEIRA COMO CONHECEMOS O FLA-FLU PASSA OBRIGATORIAMENTE POR NELSON RODRIGUES.

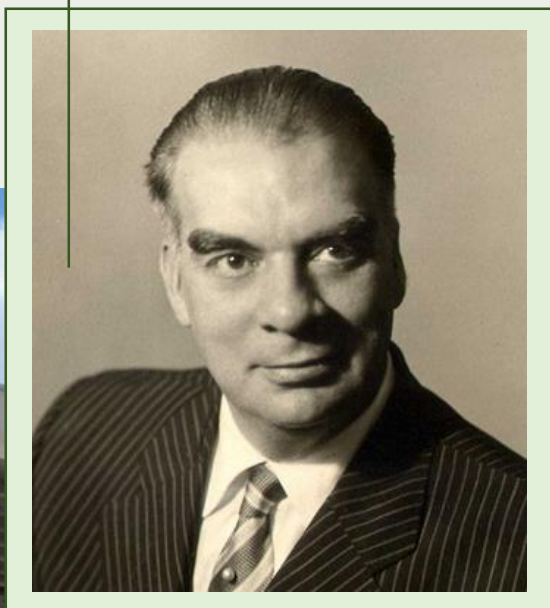
Quando começou a escrever sobre futebol, já avançada proeminente carreira no teatro, levou ao esporte sua visão de fantasia, não de jogo. Era, pois, escritor, alguém versado nas letras da alma, que não ligava muito para tática ou estatística.

Observava atento as expressões da arquibancada, à catarse da gente que resguardava alegria e expectativa ao seu ardor. Tricolor ferrenho, expandia seu alcance para além do clubismo. Tanto que alguns dos textos mais bonitos sobre o Flamengo saíram de sua pena.

Nelson Rodrigues tinha, também, conexões sentimentais com a cancha. O Maracanã, maior palco do esporte bretão renascido vira-lata, ostentava orgulhoso o nome de seu irmão, Mário Filho, em sua entrada.

A paixão pelo Fluminense era seguida pela admiração pelo Flamengo, e se uniam numa simbiose em que não se separava mais o que um ou outro. Eram, pois, coisa única: Fla-Flu. Elevou, assim, o clássico a força motriz da vida, antecedendo o nada em 40 minutos.

Uniu: Paixão. Admiração. Vida. Catarse. Conexão. União.





Quis o destino que num **2020 desandado** fosse subvertida a abordagem rodrigueana do **Fla-Flu**. A final da **Taça Rio** atina contra tudo ao que o escritor pregou.

Em vez de paixão, **indiferença** causada pelo momento inconveniente. Em vez de admiração, o **espanto** da argumentação do dinheiro acima de tudo. Em vez de vida, um **hospital de campanha** compartilhando espaço, contando **mortos** a cada gol. Em vez de catarse, o **silêncio** desalmado da arquibancada vazia. Em vez de conexão, **distanciamento social**. Em vez de união, **desentendimento** e **brigas judiciais**.

Escorre a **primeira lágrima** sobre a face de Nelson Rodrigues:

**“o que fizeram do meu Fla-Flu?”**

Só que **clássico é subversivo**. Clássico não aceita a imposição de poderes operados fora do tapete verde. E os **deuses do futebol**, enternecidos pela lágrima angustiada do descritor perfeito da metafísica do clássico, vieram em seu socorro.

Se antes este deuses já promoveram peraltices em **gol de barriga**, o desafio desta feita se impunha mais hercúleo. Afinal, estava de um lado estava o todo poderoso, o melhor elenco, o endinheirado, aquele que, como um senhor das sombras, opera no obscuro para fazer prevalecer seu plano de dominação eterna e ri diante de Caronte.

Arquitetaram, ao seu feitio, possibilidades da luta entre o bem e o mal, desprovidos do elixir do poder transformador que vinha primordialmente da bancada, do grito. Mas no reinado de Mario Filho, onde um dia era cimento e brado, havia apenas plástico e exclusão.

Bravos, ainda construíram o **1 a 0** para verem o adversário empatar e dar a impressão que a virada era questão de minutos.

Era preciso, então, cartada que morasse no limite do inesperado e do escárnio, para que se puxassem as calças das forças oponentes quando desatentas.

Veio, enfim, a **disputa de pênaltis**.





Do lado rubro-negro da força, um pegador notório de pênaltis, aquele que pretensamente faz tremer Cristiano Ronaldo. Do outro... Muriel.

**Mas há mais mistérios entre a marca da cal e a linha sob os postes do que pode imaginar a nossa vã filosofia** (kisses, Shakespeare).

Impulsionado pela intervenção dos deuses da bola, Muriel, o herói improvável, foi crescendo muralha que blindou sua meta contra a armada inimiga. Uma. Duas. Três vezes (pra fora também é mérito do goleiro?)

É como diria o filósofo Dinho Ouro-Preto: se o errado ficou certo, as coisas são como elas são.

Ao fim, o 3 a 2 nos penais repetiu aquele da barriga de 15 anos atrás com bola rolando. (São chegados numa simbologia os residentes do Panteão boleiro.) A resistência, no limite de suas capacidades, prevaleceu.

Talvez não seja suficiente para levar a guerra definitiva do Campeonato Carioca para as Laranjeiras, mas quem há de ligar? A batalha, a **Taça Rio**, por hoje, deve ser celebrada. Importa tão somente o sentimento de alma lavada, um alento em meio ao despautério de uma época estranha. A glória tricolor é resultado que aquece a alma e que provê um naco, mesmo que irreal, mesmo que fugaz, de esperança.

**Nelson Rodrigues** chora, enfim, **segunda lágrima**. Desta vez não mais de tristeza, pois se dá conta de que, mesmo na ofensiva gélida do futebol-negócio, a alma do esporte ainda queima sua chama. Agradecido, tranquiliza-se: **ao Fla-Flu ainda pode chamar de seu**.



Jogadores, comissão técnica e corpo diretivo do Fluminense ergue o troféu de campeão da Taça Rio 2020.  
Foto: Reginaldo Pimenta



49

F

# SOBRE A CAMISA DO FLUMINENSE



# COÉ, MERMÃO?

Não é que eu seja conservador.

Tampouco significa que eu não saiba da importância que o patrocinador tem para o esporte. Estar com a frente da camisa limpa é sinal de perda de valor da instituição, que não atrai dinheiro como gostaria—em meio à crise no Brasil, quem o faz?—e com isso perde poderio para armar esquadrões melhores.

Tudo isso eu sei.

Mas, você há de concordar. A beleza de um uniforme de futebol sem patrocínio é sublime.

Talvez porque remeta a uma época de antigamente, do futebol-paixão, que, se transacionava altas somas, mantinha o manto limpo e a geral torcendo dentro do estádio. Memória afetiva.

Ainda mais quando um uniforme é, talvez, algo surreal. Algo como o padrão #1 do Fluminense carioca.

Há um tempo fui cancelado por conta de uma crônica sobre o Bahia, rival do meu time de coração. Teimoso, incorro no mesmo risco agora.

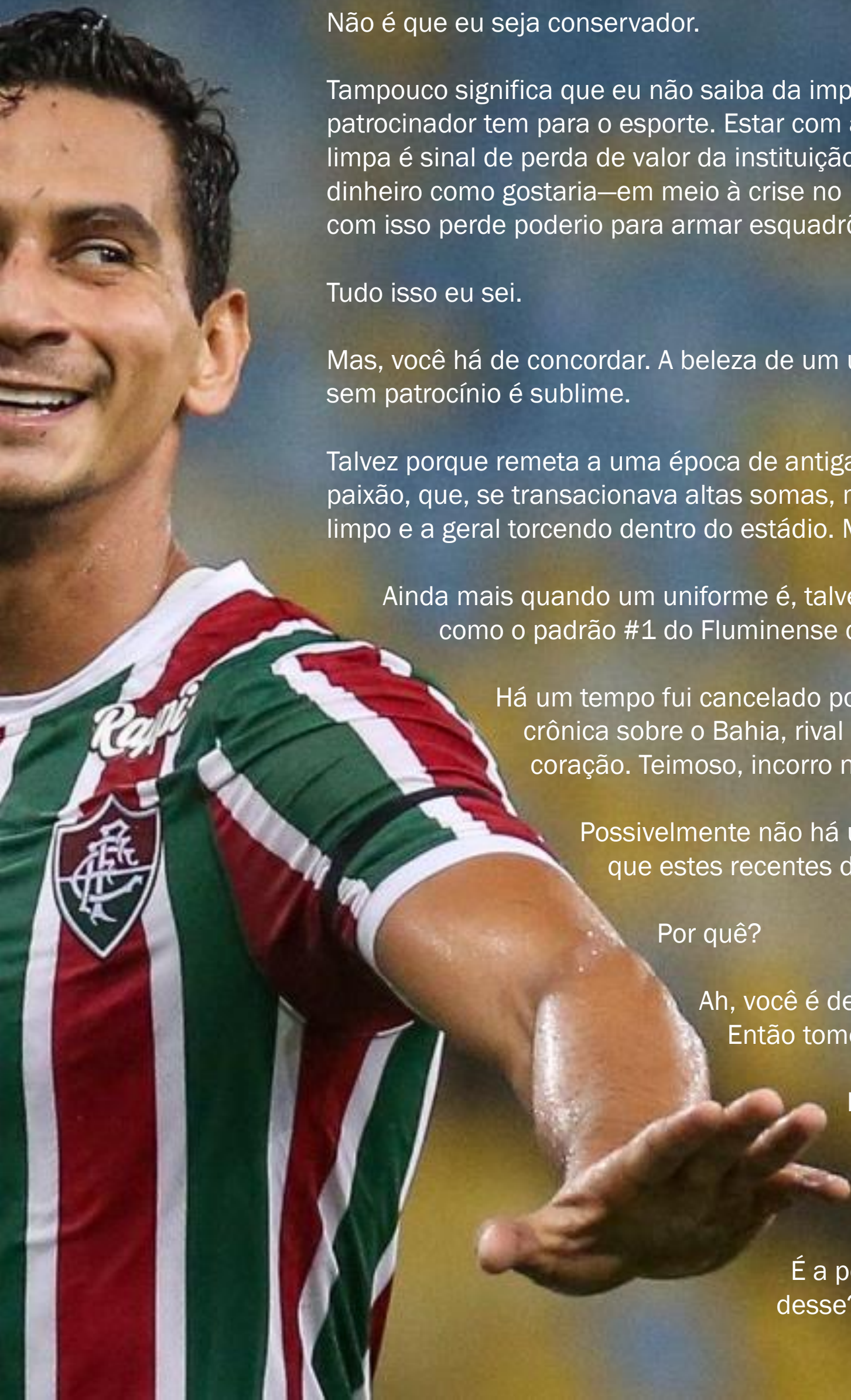
Possivelmente não há uniforme mais belo que estes recentes do Fluminense.

Por quê?

Ah, você é dessas pessoas, é?  
Então tome: porque sim.

Posso nem falar do que gosto que o povo fica cheio de me convença.

É a porra um negócio desse?





51

ESTAMOS  
MESMO  
VENCENDO?



# ENTENDER EM QUE PONTO ESTAMOS DA BATALHA DE NARRATIVAS É FUNDAMENTAL PARA ANALISAR PARA ONDE SE ANDA.

**M**eu [artigo](#) de segunda-feira, 6 de julho, no Correio, gerou diversos questionamentos. “Como é possível dizer que estamos vencendo? Eles estão no poder!”

Pois o complemento à própria pergunta indica o caminho da análise.

Escrevi no terceiro parágrafo do texto: “A questão é deixar de observar o cenário como extremos e perceber as nuances que fazem o trânsito no meio. Ao olhá-las com olhar mais solidário, vê-se que, ao modo brasileiro, no jeitinho e aos tropeções, a noção avança.”

Para isso, há de se reconhecer a derrota acachapante de 2018. Acachapante no sentido de ter se tornado viável a eleição de uma extrema-direita que opera com o de pior existe.

O ponto, portanto é de recuperação. Porque, caso não esteja mais do que óbvio em ações e palavras, já atingimos o fundo do poço. A dúvida agora é sobre a capacidade executiva das intenções terríveis de quem se apossou do governo.

Parece-me, pois, um tanto lógico. Se a intenção da derrocada civilizatória é a constante da equação, a variável é a aplicação de suas ideias.

A cada momento em que um absurdo deixa de se tornar efetivo, impede-se a consolidação de um poder desumano. A cada projeto de lei desenhado para contornar os desmandos do Planalto, a razão prevalece. Estamos construindo em terreno destruído e cheio de entulho.

É complicado, eu entendo, aceitar que o fato de que poderia estar muito pior significa avanço. Prestemos atenção, então, em onde devemos colocar a barra da análise: na constante da equação.

A movimentação política se dá, no momento, em todas as esferas e poderes. Sem oposição organizada, é luta mais prolixa, cheia de desistências e cancelamentos. Mas ela persevera. E, inevitavelmente, o governo vaga natimorto, incapaz de implantar seu plano completo, apenas em parte, porque para eliminar seu alcance, só expurgando essa gente.





53

ALEGRIA QUE  
DURA POUCO



# FERIDO

D

L

L

x

A

L

L

## AS NEGOCIAÇÕES SOBRE A FINAL DO CAMPEONATO CARIOCA ATESTAM QUE O CAMINHO RUMO À NORMALIDADE É LONGO

**A** regra do jogo, como bem mostra este ano, é o absurdo, a bagunça, a ausência de sentido. Portanto, a regra é a falta de regras, é o cada um por si.

Nem bem a Taça Rio terminou de ser comemorada externamente, continuou-se em prática a busca pelo individualismo que dilacera contratos.

Assim, a final do **Campeonato Carioca** entrou num impasse com relação aos direitos de transmissão. O Flamengo, líder da armada única de implosão de acertos prévios, obteve liminar na justiça fazendo valer sua condição de mandante no segundo confronto, vendendo a transmissão para o **SBT**.

A relação entre **Flamengo** e **Globo**, tão vital para ambos durante muitos anos, chegou a um impasse. Porque o que se vê neste trâmite dos campeonatos estaduais é um teste para voos maiores. Fazendo analogia, o que estamos presenciando é o que o **caso Bosman** representou para a **lei do passe**.

O surgimento de novas mídias alterou a estabilidade das interações. O streaming avançou, além dos clubes terem percebido a necessidade de serem proprietários de seus conteúdos.

Só que ninguém, no mundo, negocia sozinho. Mais do que isso, mesmo nos locais onde novas mídias foram incorporadas às negociações, a TV segue sendo a mais valiosa, fonte fundamental de receitas.

É, por fim, irônico o destino. Há quase uma década, a Globo incentivou **Flamengo** e **Corinthians** a implodirem o **Clube dos 13**. Hoje, vê-se antigo aliado promover uma disputa que pode afastá-la do controle do futebol.

Em crise, a Globo vai para a briga. Mobiliza os clubes para valerm os contratos assinados, e os clubes, presos a adiantamentos impossíveis de serem devolvidos, devem ceder.

É impossível avaliar o que sairá desse imbróglio. Mas ele é resultado de um sistema jurídico que se pauta na incerteza, em negociações escusas, chantagem financeira, traição e novas mídias. O **Fla-Flu** é só o instrumento para viabilizar a virada de mesa contratual.



55

QUEM  
ACREDITA EM  
BOLSONARO?



# A SUSPEITA GENERALIZADA DA AUTO DIVULGAÇÃO DE RESULTADO POSITIVO PARA COVID-19 EVIDENCIA: QUEM AINDA ACREDITA EM BOLSONARO?

**N**o dia 11 de março, a OMS declarou a crise do novo coronavírus como pandemia. No mesmo dia, Bolsonaro e sua comitiva retornavam de uma visita aos EUA, quando confraternizaram com o presidente americano **Donald Trump** em **Mar-a-Lago**.

Ao longos das quase duas semanas seguintes, nada menos que 23 pessoas que estavam na comitiva foram confirmadas com Covid-19.

Apenas um presente insistia não ter sido contaminado, recusando-se a abrir exames: o próprio presidente **Jair Bolsonaro**. As suspeitas sobre a condição do presidente se baseavam não apenas no acúmulo de contaminados no seu entorno, mas também nas exposições públicas de sintomas.

Excetuando-se seus seguidores fieis, ninguém acreditou em Bolsonaro. A covid-19

iniciava sua curva ascendente no Brasil—a primeira morte foi registrada em 17 de março. Enquanto isso, Bolsonaro não tomava qualquer precaução, aparecia em **protestos** com finalidades golpistas e minimizava a “gripezinha” em rede nacional.

Para provar sua “verdade”, meses mais tarde, Bolsonaro apresentou 3 exames impossíveis de serem relacionados a ele, a não ser pela sua palavra. Neles constavam o nome de 3 pessoas diferentes, um deles menor de idade. Todos os exames deram negativos.

Aquele instante representou uma guinada da capacidade de geração de crises por parte do governo. Desde a viagem aos EUA, o Brasil soma mais de 70 mil mortes pela “gripezinha”, apostou-se na cloroquina, sendo o Brasil o único país no mundo a defendê-la, fez-se pouco caso das vítimas, 2 ministros da Saúde foram demitidos.



Bolsonaro cumprimenta apoiadores na frente do Palácio do Planalto em 15 de março de 2020  
Foto: Sérgio Lima | Poder 360



Adicionalmente, roeu-se a corda das boas relações com os outros poderes. Os embates com o Congresso e o Supremo chegaram a ponto insustentável. O que provocou reações.

Se inicialmente se acumulavam inúteis notas de repúdio, especialmente o STF resolveu agir. E o cerco ao núcleo próximo do presidente começou a se fechar.

A investigação contra Flavio Bolsonaro avança e promete condenação, mesmo com a tentativa desesperada de proteção de um juiz de plantão indo contra jurisprudência estabelecida pelo STF há anos sobre foro privilegiado.

Paralelamente, as investigações contra as células de propagação de fake news, incluindo o gabinete do ódio e os financiadores da farra extremista, fere gente próxima, fazendo até Carlos Bolsonaro aventar fugir do Brasil. (tic tac)

A extremista Sara Geromini foi presa.

E 2 momentos apontaram a necessidade de retração do presidente: a possível cassação de chapa no TSE; e a prisão do **Queiroz**.

Há de se admirar a ironia do destino. Prender o chefe das rachadinhas e *outras cositas más* em Atibaia, tão ligada a Lula, deu um toque especial à ocasião.

Se quando o julgamento no TSE, fora todas as outras investigações, já tinha sido o sinal de que era necessário manear na guerra contra as instituições, a prisão do amigo e ex-funcionário, fez com que Bolsonaro se recolhesse de vez.

A imprensa, por sua vez, tinha abandonado o chiqueirinho na frente do Alvorada. As polêmicas, tão fundamentais para alimentar o ódio dos apoiadores, cessaram.

De repente, tudo o que se produzia de notícia era contra o governo.

A saída de Moro.

A bagunça do auxílio emergencial.

A reunião de 22 de abril.

O menosprezo pela vida.

As demissões de ministros da Saúde.

A fuga de Weintraub para não ser preso.

As promessas vazias de Paulo Guedes.

Os currículos falsos.

A boiada de Ricardo Salles.





E muito mais, numa interminável lista de protagonismo idiótico do baixo clero.

Mas Bolsonaro é político e percebeu o que deveria fazer para sobreviver. Primeiro, acelerou ação nos bastidores para subtrair a autonomia de órgãos investigativos, como o MP, a PF e a PGR. Depois, surgiu, então, um Bolsonaro mais comedido.

Esta versão, no entanto, não convenceu ninguém. Os acenos de paz foram recebidos não com desconfiança, mas com desprezo. Ninguém se deu ao trabalho de corresponder ao que sempre foi interpretado como elemento forçado de alguém que opera em causa própria e que não se recusa a abrir flancos de combate.

Mas houve um elemento maior neste comedimento do presidente: a desmobilização da rede de apoiadores.

Bolsonaro precisa da grito, do desconhecimento, do sentimento de desespero para existir. Ele só é alternativa no caos. Na normalidade, ele arrefece, perde força, porque é quando razão emerge. E na razão, ele desaparece.

No Twitter, ambiente uma vez controlado pela extrema-direita, o apoio está em queda vertiginosa, muito por causa da chegada aos financiadores da debacle. Mas também porque chega uma hora que a realidade se impõe.

Bolsonaro, pois, se viu numa encruzilhada: ou mantém o discurso ameno, para aumentar suas chances de manutenção do poder, ou volta ao ataque para remobilizar sua horda.

Percebendo a incongruência das duas frentes, lançou mão de algo que serviu com louvor à sua eleição: a vitimização.

Assim, entra em jogo nesta semana, o anúncio da contaminação do presidente por Covid-19.

Mas desta feita, o tiro pode ter saído pela culatra. Não apenas a desconfiança dos opositores se manteve, como sua própria claqué tem ressalvas demais para comprar a narrativa.

Não há mais ninguém infectado em seu círculo. Se antes se recusava a expor o exame custasse o que custasse, o fez por



O então deputado federal Jair Bolsonaro fala na Câmara.  
Foto: Mauro Pimentel | AFP



conta própria para emissoras amigas.

Mas o silêncio nas redes sociais permanece. Nem as consequencialistas respostas justificando a moral de um desejo de morte do presidente foram capazes de reforçar a narrativa de “contra tudo e contra todos”, de vítima das circunstâncias que ele tanto preza.

Porque as evidências são fortes demais contra ele.

Na semana em que aparece com um exame supostamente próprio de Covid, ele estava convocado para depor presencialmente na PF, assim como Flávio Bolsonaro deveria fazer o mesmo, assim como o Queiroz foi solto num embaralhamento jurídico injustificável.

Não é possível cravar que o seu público não retorne ao embate raivoso, mas o abalo é inegável. Por mais que mantenha uma base extrema, os “moderados” vão desembarcando gradualmente.

Ao que parece, à encruzilhada da submissão que atenta contra tudo o que vendeu na eleição e dos ataques que vão derrubar o seu governo não se tem alternativa.

Na primeira linha, se desfaz politicamente, levando consigo todos os seus fieis seguidores políticos, mas sem garantias de proteção a ele, à família, aos amigos e à sua base política. Na segunda, cai, provoca a prisão inevitável de todos os seus, mas talvez tenha uma sobrevida política, em termos ideológicos. Os cálculos serão muitos, mas há uma tendência. Neste fim-de-semana, voltou suas armas, uma vez mais, contra a imprensa.

Certo, nisso tudo, estava o haitiano. No dia 17 de março, data da primeira morte por Covid no Brasil—quantas coincidências simbólicas nisso tudo, não?—, ele invadiu o chiqueirinho dos apoiadores para proferir as palavras premonitórias: “Bolsonaro, acabou.” Palavras da salvação.





MARACANĂ

ISSUE

